

GERAÇÃO 3 DE MINIMADOS

AS CONSEQUÊNCIAS DO
SENTIMENTALISMO TÓXICO

THEODORE
DALRYMPLE



GERAÇÃO DE MIMADOS

AS CONSEQUÊNCIAS DO SENTIMENTALISMO TÓXICO

**THEODORE
DALRYMPLE**

TRADUÇÃO
FÁBIO ALBERTI



*Só um homem com uma pedra no lugar do coração conseguiria ler
sobre a morte da pequena Nell sem dar risada.*

— Oscar Wilde

Eu vou gritar, gritar e gritar até inchar — eu sei que vou.
— Violet Elizabeth, em *Just William* de Richmal Crompton

INTRODUÇÃO

Crianças

Um relatório recente do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) indicou que, entre 21 países, a Grã-Bretanha é o pior país para uma criança viver. Eu não costumo dar muita importância para classificações desse tipo, que geralmente se baseiam em muitas premissas falsas, suposições e coisas do gênero, e são elaboradas para produzir resultados que confirmarão os preconceitos dos seus autores (ou os preconceitos daqueles que pagam os autores). Esses relatórios quase sempre sugerem que aumentar a intervenção estatal na vida das pessoas é a saída para os problemas abordados.

De certo modo, porém, o relatório da UNICEF está correto. Não existe no mundo industrializado um país em que a infância seja uma experiência mais detestável do que na Grã-Bretanha; se existe, eu não conheço tal país. É detestável não somente para os que a vivenciam, mas também para as pessoas que precisam conviver com crianças britânicas. A Grã-Bretanha é uma nação que tem medo de suas próprias crianças.

Vejo isso no ponto de ônibus da cidadezinha na Grã-Bretanha onde vivo parte do ano. De acordo com os padrões atuais, as crianças dessa

cidade não são más em hipótese nenhuma, mas a simples presença de algumas delas é o bastante para que pessoas idosas no ponto de ônibus se sintam intimidadas e se agrupem a fim de se protegerem, assim como faziam os *Voortrekkers*, na África do Sul, posicionando em círculo as suas carroças à noite quando percorriam território potencialmente hostil. Se uma criança se comporta mal — jogando lixo no chão, cuscando, xingando em voz alta, intimidando outra criança, puxando cabelos, ingerindo bebida alcoólica —, os idosos percebem, mas não dizem nada. Hoje em dia os ânimos estão exaltados, e as crianças rapidamente unem forças para defender seu inalienável direito ao egoísmo absoluto.

Na Grã-Bretanha, a violência cometida por crianças e contra crianças tem aumentado muito rapidamente. Os departamentos de emergência dos nossos hospitais registraram um aumento acentuado desses casos, de 50% em cinco anos, envolvendo dezenas de milhares de casos. Os professores estão cada vez mais expostos a ameaças de seus alunos. No ano letivo de 2005-6, por exemplo, 87.610 crianças — ou seja, 2,7% de todas as crianças do Ensino Médio — foram temporariamente suspensas devido a agressões verbais ou físicas a professores. Em Manchester, 5,3% dos alunos do Ensino Médio foram excluídos por esses motivos, e é lastimável o fato de que as áreas metropolitanas são um exemplo a ser seguido por outras regiões.

Uma pesquisa recente mostrou que crianças agrediram fisicamente um terço dos professores britânicos, e um décimo desses professores foi ferido por crianças. Quase dois terços deles foram alvo de abuso verbal e de insultos por parte de crianças. Devido ao comportamento indisciplinado das crianças, metade dos professores já cogitou abandonar a profissão, e outros tantos conheciam colegas que abandonaram o ofício.

Como se isso não fosse ruim o bastante, cinco oitavos dos professores foram agredidos não apenas por alunos, mas também por pais. Ou seja, os professores não podem contar com o apoio dos adultos para lidar com uma criança violenta, indisciplinada e agressiva — muito pelo contrário. (Pacientes meus que eram professores me disseram exatamente isso.)

Os complacentes sugerem que sempre foi dessa forma, e têm razão de certa maneira. Não existe comportamento humano que seja totalmente sem precedentes: o mundo é antigo demais para que as pessoas

inventem formas de comportamento inteiramente novas. Para cada ato cruel, maligno ou brutal, existe sempre um precedente histórico. Contudo, permanecem ainda na lembrança os tempos em que se uma criança se comportasse mal na escola e os pais fossem informados sobre isso por um professor, essa criança saberia que dificilmente escaparia de ser punida em casa e de ser disciplinada na escola. Nos dias de hoje, em muitos casos, as crianças sabem que não precisarão enfrentar nenhuma das duas coisas. A questão não é saber se cada caso isolado tem precedentes — claramente tem —, mas saber se o número de casos aumentou, e se existe algo que pode fazê-lo diminuir (além do declínio no número de crianças).

Os professores não são os únicos a sofrerem com as agressões e a violência dos pais. Um artigo publicado no ano de 2000 na revista *Archives of Diseases of Childhood* [Arquivos de Doenças da Infância] revelou que nove em cada dez estagiários de medicina pediátrica na Grã-Bretanha já haviam testemunhado um incidente violento envolvendo uma criança, quase metade deles no ano anterior; quatro em cada dez já haviam recebido ameaças de um pai ou de uma mãe, 5% já haviam sido de fato agredidos e 10% já haviam sofrido tentativa de agressão.

É importante compreender que esses números são suficientes para que se produza uma atmosfera permanente de intimidação, e que essa atmosfera de intimidação impregna tudo. Um episódio isolado tem um efeito extremamente poderoso. Eu citarei dois exemplos (extraídos de esferas um pouco diferentes) para mostrar como o comportamento é alterado por tal atmosfera.

Eu tive certa vez um paciente que afirmava que há muito tempo uma lesão nas costas o impedia de trabalhar. Ele havia recebido do seu médico um atestado e uma licença para se afastar do trabalho. Apesar dessa lesão nas costas que supostamente o impedia de trabalhar, seus principais interesses eram judô e corrida, que ele praticava todas as noites sem falhar. No hospital, eu notei que ele subia e descia da cama sem nenhuma dificuldade e sem sinal de dor nas costas. Em resumo, tratava-se de um jovem em excelente forma e atlético.

Telefonei para o médico do jovem em questão e o avisei a respeito da minha descoberta, e sugeri que a suposta lesão nas costas desse jovem não justificaria um atestado para afastamento do trabalho.

“Ah, eu sei disso”, disse-me o médico, como se fosse uma grande ingenuidade da minha parte acreditar que um atestado deveria se basear na verdade. “Mas na última vez que me recusei a fornecer esse atestado médico para alguém, essa pessoa pegou o computador que estava na minha mesa e o jogou em mim, e em seguida estávamos rolando no chão. Desde então eu tenho dado atestados a todos os que desejam um.”

Isso sem dúvida ajuda a explicar por que a Grã-Bretanha — apesar dos níveis sempre crescentes de saúde, medidos de maneira objetiva — tem agora milhões de inválidos registrados, mais do que depois da Primeira Guerra Mundial. Uma quantidade relativamente pequena de violência é suficiente para produzir um grande efeito.

O segundo exemplo diz respeito ao casamento arranjado entre jovens mulheres nascidas na Grã-Bretanha e descendentes de paquistaneses. Muitas delas foram levadas para o Paquistão por seus pais durante a adolescência, a fim de se casarem com um primo em primeiro grau na aldeia de onde seus pais haviam emigrado. Eu estou familiarizado com as diversas formas de sofrimento humano, porém o sofrimento dessas jovens, para as quais a perspectiva de tal casamento era repugnante e abominável, estava entre os piores com os quais já me deparei.

Todas essas jovens sabiam de casos em que alguém que se encontrava na situação delas havia sido morta de modo horrível pela própria família por se recusar a aceitar semelhante casamento, desonrando dessa maneira a família, cuja palavra tinha sido dada. A situação da filha mais velha era particularmente grave, porque os pais acreditavam que se a mais velha aceitasse, as outras também aceitariam.

Os casos de assassinato por honra, como são chamados, não precisam ser numerosos para que seja anulada a distinção entre aceitação voluntária e involuntária de casamento com um primo em primeiro grau escolhido pelos pais de uma mulher jovem. A própria atmosfera que eles instalam, mesmo sem serem numerosos, torna difícil investigar de modo objetivo a sua frequência e efeito reais.¹

Mais uma vez, uma pequena quantidade de violência é suficiente para que um grande efeito seja alcançado.

Retomemos a questão da infância. Será que existem motivos compreensíveis para que crianças e seus pais — que, em comparação com os padrões de todas as gerações anteriores (algumas delas não muito

distantes no tempo²), gozem de excelente saúde física e tenham acesso a fontes de conhecimento e entretenimento antes inexistentes e até inimagináveis — sejam agressivos, violentos e dominados pela ansiedade?

Sim, existem motivos; e muitos deles se originam no sentimentalismo, o culto ao sentimento.

Os Românticos ressaltavam a inocência e a bondade natural das crianças, em oposição à degradação moral dos adultos. Assim, para moldar adultos melhores e garantir que tal degradação não ocorresse, seria necessário encontrar a maneira correta de preservar sua inocência e sua bondade. Impedir a educação tornou-se a maneira correta de educar.

Juntamente com sua inocência e sua bondade vinham — ou lhes eram atribuídas — outras qualidades, tais como a curiosidade inteligente, o talento natural, a imaginação fértil, o desejo de aprender e a capacidade de fazer descobertas por conta própria. Se as evidências de que as crianças não eram iguais em todos os aspectos fossem sólidas demais para serem simplesmente negadas, essa realidade era substituída pela ficção de que todas as crianças eram dotadas de pelo menos um talento especial,³ e dessa maneira eram iguais — se todos os talentos fossem iguais, é claro.

A teoria educacional romântica, dotada posteriormente de uma aparência de ciência por pesquisadores dedicados, está repleta de absurdos que seriam hilariantes se não tivessem sido levados a sério e usados como base de políticas educacionais para empobrecer milhões de vidas. O romantismo invadiu a própria essência do sistema educativo, afetando até mesmo o modo de ensinar as crianças a ler. Desprezando a rotina e a memorização mecânica, e fingindo que, em todas as circunstâncias, elas eram contraproducentes ou até profundamente prejudiciais — além de supostamente odiadas pelas crianças —, os teóricos da educação romântica conceberam a ideia de que as crianças aprenderiam a ler melhor se descobrissem sozinhas como fazê-lo. Dessa maneira, em parte sob o pretexto de que o inglês não é uma língua fonética (embora também não seja completamente não fonética e, de fato, a maioria de suas palavras seja escrita foneticamente), palavras e frases completas eram mostradas às crianças na esperança de que elas conseguissem deduzir os princípios de ortografia e da gramática. Isso é quase tão insensato quanto colocar uma criança debaixo de uma macieira na esperança de

que ela descubra a teoria da gravidade. A maioria das crianças precisa de uma pista, e as poucas que não precisam poderiam aproveitar melhor o seu tempo com outras coisas. Eu mostrarei aqui apenas uma seleção de algumas das coisas que foram ditas, aparentemente acatadas e colocadas em prática.⁴

Quando se analisa qualquer tendência intelectual ou social, é impossível encontrar a sua origem única e indiscutível (como se pode fazer com alguns rios), e não é necessário encontrá-la. É preciso apenas demonstrar que a tendência existe e que tem antecedentes intelectuais.

Os teóricos da educação do século 19 e da primeira metade do século 20 estabeleceram as bases para escolas que em grande parte do país se tornaram pouco mais do que serviços refinados de babá e um meio de manter as crianças longe das ruas, onde poderiam se comportar como piranhas em um rio. Jamais na história da humanidade se ensinou tão pouco a tantos, a um custo tão alto. Na Grã-Bretanha dos dias atuais, gastamos quatro vezes mais per capita em educação do que gastávamos em 1950; mas é bastante duvidoso que o nível de alfabetização da população em geral tenha aumentado, e existe a possibilidade de que tenha se reduzido.

Na região em que trabalhei, uma região pobre, descobri que a maioria dos meus pacientes que havia recentemente cumprido onze anos de ensino obrigatório, ou pelo menos de frequência escolar obrigatória, não era capaz de ler um texto simples com facilidade. Eles tropeçavam nas palavras mais longas, e muitas vezes eram totalmente incapazes de decifrar palavras de três sílabas; apontavam para uma palavra que não sabiam ler e diziam: “Não conheço essa”, como se o inglês fosse escrito em ideogramas e não com o uso do alfabeto. Quando lhes pediam para explicarem com suas próprias palavras o significado do trecho que tinham acabado de ler com dificuldade, eles respondiam: “Não sei, eu só estava lendo.” Quando lhes perguntaram se eram bons em aritmética, metade respondeu: “O que é aritmética?”. Quanto à capacidade aritmética deles propriamente dita, a melhor maneira de avaliá-la talvez seja por meio da resposta que um jovem de 18 anos me deu para a seguinte pergunta: “Quanto é três vezes quatro?”.

“Não sei. Nós não estudamos isso.”

Devo ressaltar que esses jovens não eram intelectualmente incapazes; de qualquer modo, descobri que as crianças com deficiência mental

cujos pais eram profissionais de classe média que haviam se esforçado para educá-las explorando ao máximo as capacidades delas muitas vezes eram mais capazes de ler e de fazer contas do que os seus iguais da mesma idade, que eram muito mais inteligentes e pertenciam à classe trabalhadora e à classe sub-operária.

O analfabetismo funcional desses jovens também não era compensado por nenhum grande desenvolvimento da memória, como muitas vezes se observa em povos alfabetizados. Seu nível geral de informação era lastimável. Em quinze anos, encontrei entre os meus pacientes apenas três jovens que recentemente haviam passado pelo sistema britânico de educação pública e que conheciam as datas da Segunda Guerra Mundial. Dadas as circunstâncias, considere um triunfo da inteligência natural que um deles tenha conseguido deduzir, partindo do fato de que ocorreria uma Segunda Guerra, que havia ocorrido uma Primeira Guerra — embora nada soubesse a respeito dela. Desnecessário dizer que também não sabiam a data de mais nenhum acontecimento histórico.

É verdade que os meus pacientes constituíam uma amostra restrita, e talvez não chegassem a representar a população como um todo; mas a minha amostra não era pequena, e é necessário lembrar que ficou definitivamente provado que se os métodos de ensino adequados forem empregados é possível ensinar a ler e a escrever fluentemente quase 100% das crianças provenientes dos lares mais pobres e precários. Aliás, isso acontece mesmo quando a língua falada em casa não é o inglês.

O sentimentalismo produz deformações intelectuais. Prova disso é que quando eu transmiti minhas experiências a intelectuais de classe média, eles imaginaram que eu estivesse criticando ou desprezando meus pacientes, e na verdade eu estava chamando a atenção — com uma fúria que exigiu todo o meu autocontrole para não se tornar absurdamente evidente — para a espantosa injustiça feita a essas crianças por um sistema educacional que nem mesmo conta com a vantagem (ou desculpa) de ser barato. E eles acabaram se recusando, em grande parte, a aceitar tanto a veracidade como a validade das minhas observações, valendo-se de uma série de subterfúgios mentais para minimizar a sua relevância.

Eles afirmavam que o que eu dizia não era verdade — embora todos os levantamentos estatísticos, assim como outras evidências

empíricas, sugerissem que minhas conclusões estavam longe de ser incomuns ou exclusivamente minhas. Depois eles afirmavam que ainda que fosse verdade sempre havia sido assim, sem se darem conta de que mesmo que fosse assim isso não justificaria o atual estado de coisas. Por si só, o enorme aumento nas despesas deveria ter garantido que o que acontecia antes deixasse de acontecer; que fossem deixados de lado os motivos que em épocas passadas serviam de justificativa para não ensinar as crianças a ler e escrever; e que, de qualquer modo, havia provas de que simplesmente não era verdade que tivesse sido sempre assim.

Na França, por exemplo, testes demonstraram (da forma mais conclusiva que foi possível demonstrar) que o nível de compreensão de textos simples e a capacidade das crianças dos dias atuais de escreverem corretamente a língua francesa diminuíram em comparação com o nível de compreensão e a capacidade de escrever das crianças educadas nos anos de 1920, quando se leva em consideração vários fatores, como a classe social.⁵ Talvez isso não seja tão surpreendente assim: quando o correspondente de educação do *Le Figaro* escreveu um artigo chamando a atenção para o declínio dos padrões, recebeu seiscentas cartas de professores, um terço das quais contendo erros ortográficos. E é óbvio que entre os motivos para o declínio dos padrões na França estão as mesmas ideias românticas e de pouca utilidade que são predominantes na Grã-Bretanha já há muito tempo.

A relutância dos inclinados ao romantismo em reconhecer que havia algo profundamente errado com um sistema educacional que deixava uma alta proporção da população incapaz de ler adequadamente ou realizar operações aritméticas simples (apesar do gasto de enormes somas de dinheiro e da inteligência mais do que suficiente dessa população para dominar tais habilidades) provavelmente derivava de sua recusa em abandonar sua sentimentalidade pós-religiosa: a ideia de que, não fossem as deformações da sociedade, o homem seria bom e as crianças nasceriam em estado de graça.

Algumas das coisas escritas por teóricos da educação românticos são tão ridículas que é necessário ser totalmente desprovido de senso de humor para não rir delas; e para acreditar nelas é necessária uma ignorância quase obstinada a respeito de crianças (ou pelo menos de

muitas crianças, ou da maioria delas). Talvez o meu favorito entre esses trabalhos seja *English Education and Dr Montessori* [Educação na Inglaterra e a Dra. Montessori], de Cecil Grant, publicado em 1913:

Nenhuma criança que esteja aprendendo a escrever deveria ouvir que uma letra está errada... toda criança ou adulto estúpido é produto de desencorajamento... deixem que a Natureza siga o seu curso e não haverá ninguém estúpido.

É evidente que o sr. Grant foi muito desencorajado em sua juventude, mas receio que não o bastante.

Os românticos dão destaque repetidamente às glórias da espontaneidade. As crianças aprendem mais e melhor envolvendo-se em experiências e atividades sem direcionamento, e sua inclinação para aprender será mais do que suficiente. Pestalozzi, seguidor de Rousseau, disse: “As potencialidades humanas desenvolvem-se por si mesmas”. O filósofo e pedagogo norte-americano John Dewey, assemelhando-se a Harold Skimpole quando generaliza a partir do seu próprio estado de espírito, escreveu durante a Primeira Guerra Mundial: “Não imponha nada à criança... Dê à criança liberdade de movimento... Deixe que ela passe de um objeto interessante para outro... Devemos esperar pelo desejo da criança, por sua consciência da necessidade”.⁶ “Brincar é o modo natural de estudo na juventude”, escreveu H. Caldwell Cook, pedagogo britânico do período imediatamente posterior à Primeira Guerra. “A essência da minha convicção é que o único trabalho que vale a pena é brincar; e por brincar refiro-me a colocar o coração em qualquer coisa que façamos.”

Seria demorado demais destrinchar todas as suposições evidentemente falsas e os resultados danosos (alguns deles sem dúvida bastante desagradáveis) dessa baboseira sentimental. Contudo, foi Friedrich Froebel — mais famoso e influente do que Cook — que entre outras coisas escreveu:

Nós devemos pressupor que o ser humano ainda jovem, mesmo que de modo inconsciente, como um produto da natureza, deseja exatamente e seguramente o que é melhor para si próprio, além disso deseja-o

de maneira bastante adequada, sentindo dentro de si a disposição, o poder e os meios para atuar.

Froebel, que (sejamos justos com ele) viveu numa época em que não havia tomadas elétricas nas quais bebês que engatinham tendiam a enfiar os dedos, continua então ressaltando que o patinho entra na água por si próprio, assim como a galinha cisca. Ele nos convida a lançar um novo olhar para as ervas daninhas nos campos, reconhecendo que mesmo que cresçam onde bem entendem elas ainda assim revelam grande beleza e simetria, “harmonizando-se em todas as suas partes e expressões”. Em outras palavras, há lições a serem aprendidas nas prímulas.

Sem dúvida muitas pessoas ficarão surpresas ao saberem que isso foi publicado, e mais surpresas ainda ao saberem que se tornou influente. Eu citarei aqui o texto introdutório de um livro de ensaios intitulado *Friedrich Froebel and English Education* [Friedrich Froebel e a Educação Inglesa], publicado não por uma dessas editoras especializadas em livros de excêntricos, mas pela London University Press em 1952. A autora é Evelyn Lawrence.

A batalha teórica continua a ser travada hoje, mas não entre os líderes principalmente. A maioria deles foi conquistada faz muito tempo, ao menos no campo do ensino primário, e nós podemos afirmar com certeza que Froebel e seus seguidores desempenharam um papel determinante nas melhorias que ocorreram.

Isso significava basicamente que na época os pedagogos (os que ensinavam os professores a ensinarem), mas não os professores propriamente, já haviam sido conquistados. Os professores ainda resistiram durante algum tempo. O que agora parece quase inacreditável é que ainda em 1957 o presidente do Sindicato Nacional dos Professores se empenhava para que a leitura, a escrita e a aritmética fossem ensinadas de acordo com os métodos tradicionais.

Os românticos também impulsionaram o que se poderia chamar de teoria sobre a educação de *Wackford Squeers*, a saber, que a educação deveria ser relevante para as vidas e as necessidades práticas dos

alunos.⁷ Essas ideias foram consagradas no discurso oficial muito mais cedo do que se poderia supor, e não eram meramente invenções de inocentes, excêntricos e descontentes. O relatório oficial Spens¹ sobre o ensino secundário na Inglaterra e no País de Gales, publicado em 1937, afirmava que “o conteúdo [do currículo] deve resultar da experiência crescente dos alunos e se desenvolver com ela”. Em outras palavras, a *relevância* tornou-se o principal parâmetro para definir o que deveria ser ensinado. Não parece ter ocorrido ao comitê Spens, nem a muitos educadores desde então, que um dos objetivos da educação é expandir os horizontes da criança, não a fechar na pequena concha social na qual o destino possa tê-la colocado.

O relatório Spens, elaborado pelo governo conservador da época, revela quão rapidamente as ideias dos românticos da educação se tornaram uma espécie de ortodoxia oficial que despertou, no início, a resistência daqueles que não haviam sido educados nesse sistema, mas que acabou se tornando inquestionável. Em 1931, o mesmo comitê tinha apresentado um relatório sobre ensino básico, e no relatório de 1937 fez referência à sua própria recomendação:

O currículo da escola primária deve ser pensado em termos de atividade e experiência, não de conhecimento a adquirir e fatos a memorizar.

Então o comitê foi um passo adiante:

O princípio que citamos aplica-se igualmente aos estágios posteriores e aos estágios iniciais.

Isso deixa para trás a questão da idade ou fase da existência humana numa economia avançada na qual a obtenção de conhecimentos e de fatos (por exemplo, o conhecimento necessário para ler e somar) torna-se importante e tem preponderância sobre brincar na areia. Com uma filosofia educacional desse tipo tendo se tornado predominante,

¹ O Relatório Spens foi um documento publicado no Reino Unido em 1938, presidido por Sir Will Spens, que propôs reformas para o ensino britânico e influenciou a reorganização educacional promovida pela Lei da Educação de 1944. (N. E.)

senão quase universal, dificilmente surpreende que universidades reclamem de ter de ensinar matemática de reforço, que muitos médicos recém-formados achem que a palavra *lager*^{II} (uma palavra muito importante, considerando quantos de seus pacientes chegam até eles como resultado, direto ou indireto, do excesso dela) se escreve *larger*, ou que alguns professores de história em Oxford tenham sido oficialmente orientados a não descontar pontos de trabalhos por erros de ortografia ou gramática (talvez porque, se o fizessem, pouquíssimos estudantes conseguiriam obter um diploma).

O relatório Spens é uma rica fonte de sentimentalismo. “Nós pensamos”, concluíram seus membros, “demais na educação pelo ponto de vista do conhecimento e muito pouco pelo ponto de vista do sentimento e do bom gosto.” A ideia de que o sentimento e o bom gosto não podem ser cultivados se não houver conhecimento e orientação foi completamente ignorada pelos autores do relatório mais influente a respeito de educação inglesa do século 20.

Em outras passagens, o relatório traz coisas que contêm alguma verdade, mas que são exageradas com facilidade pelos sentimentalistas românticos. Frisando que nem tudo pode ser ensinado por meio de preceitos, o relatório afirma:

Se descobrir por conta própria os princípios da redação em vez de simplesmente aprender esses princípios com um professor ou em um livro didático, um menino poderá escrever melhor na língua inglesa.

Naturalmente, é a mais pura verdade que não se poderia esperar que uma criança que recebesse uma lista de preceitos de redação⁸ escrevesse bem apenas por memorizar esses preceitos e tentar colocá-los em prática por conta própria, de tal maneira que seu primeiro trabalho em prosa fosse de grande qualidade. Não é desse modo que se aprende uma habilidade tão complexa como a escrita; mas os extremistas interpretaram palavras mencionadas no relatório como se elas significassem que

^{II} *Lager* é um tipo de cerveja de baixa fermentação bastante popular no Reino Unido; *larger*, por sua vez, significa *maior*. O autor menciona o erro ortográfico para ilustrar a deficiência educacional de alguns profissionais recém-formados. (N. E.)

todas as crianças deveriam descobrir tudo por conta própria, desde os princípios da redação até as leis do movimento de Newton e a teoria dos germes das doenças. Mais uma vez, o relatório Spens está *parcialmente* correto em afirmar que “grande parte dos elementos finais de uma educação liberal é, via de regra, adquirida de modo incidental e inconsciente”, mas isso não isenta de maneira nenhuma as escolas da responsabilidade de transmitir às crianças as habilidades e o conhecimento necessários para que o tal “modo incidental e inconsciente” opere sobre algo que não seja o vazio. Todo bom professor sempre soube que a educação é mais do que martelar na mente de uma criança um certo número de fatos indesejáveis; porém todo bom professor também sabe que existem coisas que uma criança deve aprender, e vir a conhecer, que ela jamais descobriria por conta própria, seja por incapacidade, seja por desinteresse.

Vale a pena citar o relatório Spens um pouco mais longamente para mostrar como o sentimentalismo romântico se apossou da mentalidade oficial muito antes do que eu, pelo menos, havia suposto:

Nós desejamos reafirmar uma opinião que manifestamos em nosso Relatório sobre a Escola Primária (1931), no qual insistimos que o currículo “deve ser elaborado em termos de atividade e experiência, não de conhecimento a ser adquirido e fatos a serem memorizados”. Em sentido restrito, a aprendizagem deve sem dúvida ocupar um lugar mais relevante no ensino secundário do que no primário, mas o princípio que citamos não é menos aplicável no estágio posterior do que no estágio anterior. Chamar os estudos do ensino secundário de “disciplinas” traz o risco de considerá-los conjuntos de fatos a serem memorizados, em lugar de formas de atividade a serem experimentadas;⁹ e embora o primeiro aspecto não deva ser ignorado nem minimizado, em nossa opinião ele tem de estar subordinado ao segundo aspecto. Essa observação se aplica mais claramente a “disciplinas” como artes, artesanato e música, às quais conferimos grande importância, mas que têm sido geralmente relegadas a um patamar inferior no programa escolar; contudo, em nossa opinião essa observação também é válida para atividades mais puramente intelectuais, como o estudo da ciência ou da matemática. Um efeito indesejável

do atual sistema de exames públicos é a ênfase, talvez inevitável, no aspecto dos estudos escolares que julgamos ser o menos importante.

Além disso,

... o cronograma está sobrecarregado e congestionado, e deixa muito pouco tempo para ponderar e discutir as grandes implicações do tema em debate, o que consequentemente limita a capacidade de pensamento.

Anos mais tarde, é comum pensar que ter uma opinião sobre um assunto, a qual é ativa, é considerado mais importante do que possuir alguma informação sobre esse assunto, a qual é passiva; e pensar que a veemência (sentimento) com a qual se defende uma opinião é mais importante do que os fatos (conhecimento) nos quais essa opinião se baseia. Evidentemente os fatos não são tudo, apesar do que pensa o sr. Gradgrind.¹⁰ É experiência comum que as pessoas mais bem informadas acerca de um assunto não compreendam inteiramente o sentido desse assunto, ao passo que pessoas dotadas de menos informação o compreendam de imediato. Mas o desenvolvimento de um senso de proporção que torne possível essa proeza exige uma mente bem provida de conhecimento do mundo, tanto implícito como explícito. Uma mente totalmente desprovida de fatos dificilmente se encontra em condições de considerar qualquer questão em perspectiva.

Até mesmo grandes mentes já sucumbiram à tentação do sentimentalismo em relação a crianças: Há passagens da obra de John Locke intitulada *Some Thoughts Concerning Education* (1690) que trariam consolo aos sentimentalistas:

... elas (as crianças) não deveriam ser obrigadas a fazer nem mesmo coisas para as quais você note nelas inclinação, a não ser que tenham vontade e disposição para fazer. Algumas vezes, mesmo aqueles que amam a leitura, a escrita, a música etc. não sentem prazer em realizar essas atividades; em situações assim, se eles se forçam a fazer tais atividades conseguem apenas agitar-se e se cansar sem razão. A mesma coisa se aplica às crianças. Essa mudança de estado de espírito deve ser observada nelas com cuidado, e as ocasiões propícias de aptidão

e inclinação devem ser atentamente aproveitadas: e se elas próprias não mostrarem motivação suficiente, deve-se incentivá-las a ter boa disposição antes que elas se comprometam com alguma coisa.

Quanto aos grandes poetas, embora não sejam grandes pensadores, eles também se puseram do lado dos românticos e dos sentimentalistas:

A mente do homem se molda como o sopro e a harmonia da música.
/ Há uma mão misteriosa e invisível que reconcilia elementos discordantes e os faz mover-se numa única sociedade.

Foi o que Wordsworth escreveu em *The Prelude*, de 1805. Não parece ter restado muito para a educação fazer.

Houve no início alguma resistência, baseada no senso comum, à visão romântica, como insinuou uma inspetora escolar de Manchester em 1950. Ela escreveu:

A professora se vê dividida entre a opinião que vem de fora, a dos pais e do público que paga impostos em geral, que esperam que uma criança leia e trabalhe durante o horário escolar... e o seu próprio conhecimento de que a criança aprende melhor por meio da brincadeira.¹¹

* * *

Porém os especialistas acabaram levando a melhor, como costumam fazer, embora o seu “conhecimento” de que a criança aprende melhor por meio da brincadeira não possa de modo algum ser resultado de alguma experiência.

Um aliado contemporâneo inesperado e poderoso do romantismo e sentimentalismo educacional é a linguística contemporânea, uma disciplina supostamente científica. Exemplo clássico de conclusões sentimentais (e politicamente corretas¹²) extraídas da ciência da linguística é o livro de Steven Pinker, *The Language Instinct* [O Instinto da Linguagem]. Esse é, provavelmente, o livro mais influente já escrito sobre o assunto; e levando-se em conta que presumivelmente as pessoas que o leram fazem parte do topo da escala educacional, pode-se supor que

ele teve algum impacto. Ele extrai conclusões injustificadas e nocivas daquilo que pode muito bem ser uma visão correta do desenvolvimento da linguagem em crianças individualmente.

A parte da teoria que pode estar correta é esta: que as crianças são biologicamente predispostas a desenvolver a linguagem, que os seus cérebros são geneticamente determinados e construídos de tal maneira que desenvolvem a linguagem em determinada fase de suas vidas. Além disso, a linguagem que desenvolvem será regida por regras, e isso é válido para qualquer língua que aprendam, quer seja a gíria das favelas, o sotaque arrastado dos aristocratas ou a tagarelice das mulheres num poço no Sahel.

Até aqui, tudo bem. Talvez isso tudo seja verdade. As evidências sugerem que se uma criança não aprender a falar até os seis anos de idade por motivos de isolamento social, ela nunca aprenderá a falar adequadamente, o que leva a crer que a aquisição da linguagem é de fato programada biologicamente.

A partir desse ponto, porém, tiram-se conclusões injustificadas e perigosas. Tendo em vista que todas as crianças aprendem a linguagem de maneira espontânea, uma linguagem que está sujeita a regras gramaticais como qualquer outra e que, por definição, é suficiente e satisfatória para a vida na sociedade na qual as crianças crescem, não é necessário nenhum treinamento especial em sua língua materna. Isso porque nenhuma forma de linguagem é inerentemente superior a qualquer outra. A linguagem, diz o professor Pinker, está longe de ser um artefato cultural, por isso não pode ser ensinada. A gramática prescritiva é um “bicho-papão da professora”; uma língua padrão (como a língua na qual ele próprio escreve) é uma língua “com um exército e uma marinha”.¹³ Todas as referências à língua padrão e à gramática prescritiva no livro são depreciativas, ainda que algumas vezes contenham um traço de ironia, o tipo de ironia que um morador de cidade emprega ao falar com ou de um trabalhador agrícola ingênuo e desprovido de sofisticação. Entre outros motivos pelos quais não se deve ensinar uma língua padrão é que a própria língua padrão muda com o tempo; o que hoje é considerado uso “correto” pode amanhã ser considerado “incorreto”;¹⁴ assim sendo, não vale a pena aprender. É um grande desperdício de esforço; a própria mudança enfraquece a pretensão de correção.

Na opinião de Pinker, pelo menos como expressa em seu livro, ainda que não expressa em sua vida, não há Miltons^{III} mudos e inglórios descansando em cemitérios rurais, porque todos desenvolvem espontaneamente a linguagem adequada às suas necessidades. Por isso, como ele diz no início do seu livro, citando Oscar Wilde, “Nada que valha a pena saber pode ser ensinado”.

Na verdade, temos aqui muito de exibicionismo moral, um convite ao leitor para que exclame: “Meu Deus, que homem magnânimo e democrático, além de tão inteligente e culto!” Mas ele é também profundamente insincero. É bastante improvável que ele desejasse que seus próprios filhos crescessem falando apenas o que ele chama de “inglês vernacular afro-americano”, cuja adequação expressiva ele elogia em outro lugar; e quando eu escrevi um artigo contestando o seu ponto de vista sobre o assunto, ressaltando (entre outras coisas) que a sua visão, se levada a sério, confinaria inevitavelmente as pessoas aos mundos mentais nos quais haviam nascido, ele respondeu: “É evidente que as pessoas devem aprender uma língua padrão.” Isso provou que ou ele havia mudado de opinião acerca do assunto (não se deu ao trabalho de explicar de que outra maneira aprenderiam senão por intermédio das tão menosprezadas professoras) ou que jamais acreditou de fato no que escreveu.

Isso é reforçado pela própria dedicatória do seu livro, que é a seguinte: “Para Harry e Roslyn Pinker, que me deram a linguagem.”

Se a gratidão do professor Pinker se devesse ao fato de lhe terem dado a linguagem no sentido puramente biológico, mais valeria ter escrito “Para Harry e Roslyn Pinker, que me deram urina”, ou “Para Harry e Roslyn Pinker, que me deram fezes”, que são tão biológicas quanto a linguagem e até mais necessárias biologicamente.¹⁵ Mas não acredito que ele quisesse dizer isso.

Ele na verdade está simplesmente aplicando um novo e supostamente científico verniz a velhos conceitos românticos sobre a infância, conceitos que em sua essência são quase certamente negação e repúdio

^{III} Referência ao verso “mute inglorious Milton”, do poema *Elegy Written in a Country Churchyard*, de Thomas Gray. “Milton” alude ao poeta inglês John Milton (1608-1674), autor de *Paraíso Perdido*, simbolizando um gênio literário cujo talento permaneceu desconhecido por falta de oportunidade ou reconhecimento. (N. E.)

da doutrina religiosa do Pecado Original. Eu não preciso recapitular aqui a sucessão apostólica dos educadores românticos (Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Montessori, Dewey, Steiner, para não mencionar os seus acólitos), mas me limitarei a citar uma das antecessoras intelectuais — ou talvez emocionais, para ser mais preciso — do professor Pinker, a reformadora social Margaret Macmillan. Ela realizou muitas coisas positivas, sobretudo pelo bem-estar físico das crianças, mas também causou muitos malefícios. Macmillan escreveu: “A primeira infância é um período vital e decisivo na educação, mas não é o momento para a precisão...” Considerando os seus princípios, que se estendem por uma ladeira sempre escorregadia, o momento para a precisão jamais chegaria.¹⁶ Recentemente, por exemplo, o *New York Times* noticiou que um acadêmico havia sugerido que determinados erros ortográficos eram agora tão comuns entre alunos e estudantes que chegara o momento de aceitá-los como corretos, pois não seria possível corrigir os alunos e estudantes. O acadêmico fez uso de todos os argumentos de Pinker: que os erros não tornavam indecifrável o significado das palavras, que a ortografia inevitavelmente mudava com o tempo etc. A área do acadêmico era a criminologia, o que talvez não cause surpresa, pois há muito tempo os criminologistas são para o crime o que o marechal Pétain^{IV} foi para Hitler. (A principal inovação do professor Pinker foi sugerir que não existe nenhuma precisão no que diz respeito à linguagem; e se existisse, todos a alcançariam simplesmente gritando.)

O professor Pinker nos diz que as pessoas falam da mesma forma que aranhas tecem suas teias, embora não seja tolo a ponto de negar a existência de diferenças; ele também sugere que o gênio é inerente a todos nós. Pinker faz isso citando o linguista antropológico Edward Sapir, que escreveu: “Quanto à forma linguística, Platão se encontra no nível do pastor de porcos macedônio, e Confúcio, no nível do selvagem caçador de cabeças de Assam.” Segundo o professor Pinker,

^{IV} O autor faz referência ao marechal francês Philippe Pétain (1856-1951), chefe do regime de Vichy durante a ocupação nazista da França na Segunda Guerra Mundial. Pétain tornou-se símbolo de colaboração e complacência com o regime de Adolf Hitler. A comparação é usada de forma irônica para sugerir que certos criminologistas seriam excessivamente indulgentes ou complacentes em relação ao crime. (N. E.)

uma criança de três anos é um gênio da gramática. Somos todos iguais, iguais aos melhores: e tudo isso sem nenhum tipo de formação, muito menos de esforço!

Em circunstâncias como essas, não admira que alguns tenham chegado à conclusão de que a formação e a educação, em si mesmas, não promovem o bem e ainda causam danos significativos, por inibirem o gênio natural e a criatividade das crianças. E assim voltamos a Margaret Macmillan:

Toda a questão do desenvolvimento da mente está relacionada aos vários tipos de movimento naturais às crianças, ou impostos a elas... A imaginação tem origem motora... As crianças... aprendem a ler, a escrever... mas não a tomar iniciativa, nem a adaptar livremente seus próprios recursos. Shakespeare... Bunyan... onde estão eles hoje?

Todos agora sabem que Shakespeare tinha poucos conhecimentos de latim e menos ainda de grego — mas a palavra é “poucos”, não “inexistentes”. Se ele frequentou a Stratford Grammar School, é quase certo que recebeu uma formação rigorosa a ponto de ser cruel, mas que obviamente lhe preencheu a mente com algo útil.

A crença de que formação e conhecimento são inimigos do gênio natural que reside em todos nós se alastrou por lugares surpreendentes.¹⁷ Enquanto eu ainda exercia a medicina, vários estudantes de artes foram meus pacientes. Perguntei-lhes se visitavam galerias de arte, e eles responderam que não. Tinham a expectativa de que o talento natural florescesse independentemente das inibições induzidas pela aprendizagem formal ou pelo contato com esforços de artistas do passado: com efeito, eles acreditavam que o talento deveria brotar espontaneamente da sua genialidade. Seu objetivo era a originalidade total, a desconexão total de tudo o que já havia sido feito antes; não era de admirar que a transgressão fosse o seu caminho.

Os jovens que tinham a intenção de se tornarem jornalistas pensavam de modo bem parecido. Quando lhes perguntava o que liam, ficavam surpresos com tal pergunta: será que eu não percebia que eles queriam ser redatores, não leitores? Para eles, era bastante estranha a ideia de que redatores precisavam ler. Isso na certa acabaria com a sua originalidade, não acabaria?

É bem verdade que houve uma reação tardia às consequências naturais do que se poderia chamar de método de educação “lúdico” ou “emocional”. A tentativa de preencher mentes desprovidas de informação resultou em doutrinação com sentimentalismo. A única substância química da qual as crianças ouviram falar é o dióxido de carbono, porque é um gás de efeito estufa. Querem salvar o planeta, mas não são capazes de localizar a China num mapa nem sabem o que é uma curva de nível. Sabem que a história é uma luta entre opressores e oprimidos porque os acontecimentos históricos que conhecem são o comércio de escravos no Atlântico e o Holocausto (não necessariamente nessa ordem). Eu conheci recentemente uma jovem que cursava História na universidade. Perguntei-lhe o que estava aprendendo, e ela respondeu que estava “estudando” o genocídio em Ruanda. Estranhei que um acontecimento tão recente pudesse fazer parte do currículo de História de uma pessoa que muito provavelmente seria incapaz de colocar as revoluções inglesa, americana, francesa e russa em ordem cronológica; porém guardei para mim mesmo as minhas dúvidas e perguntei o que ela havia lido sobre o assunto. Eu fiquei curioso, pois já viajei por Ruanda e havia lido bastante a respeito do assunto. No fim das contas, a única fonte que ela conseguiu mencionar foi o filme *Hotel Ruanda*. Perguntei-lhe qual sua opinião sobre a situação no Burundi, vizinho ao sul de Ruanda que é uma espécie de imagem espelhada de Ruanda. Ela nunca ouvira falar do Burundi, nem sabia que ambos os países tinham sido territórios sob domínio belga (sem mencionar o fato de que antes disso tinham sido colônias alemãs). Desse modo, pareceu-me que a História que estavam ensinando a essa jovem era uma forma de moralismo sentimental, algo como uma declaração de virtude pessoal para frisar que matar muitas pessoas sem motivo é errado — uma lição que mesmo nos dias atuais quase não precisa ser ensinada, já que ninguém defenderia o contrário. Não quero dizer que o genocídio em Ruanda não seja tema para profunda reflexão psicológica e moral; não há dúvida de que é. Mas seu uso está sendo banalizado, o que praticamente anula a diferença entre história narrativa e telenovela.

O triunfo da visão romântica da educação foi duplamente desastroso, porque coincidiu com o triunfo da visão romântica das relações

humanas, sobretudo das relações familiares. Essa visão pode ser resumida da seguinte forma: considerando que o objetivo da vida humana é a felicidade, e que é patente e óbvio que muitos casamentos são infelizes, é chegado o momento de alicerçar as relações humanas não em bases distantes e pouco românticas como obrigação social, interesses financeiros e dever, mas apenas e tão somente no amor, no afeto e na simpatia. Todas as tentativas de estabilidade baseadas em qualquer coisa que não seja amor, afeto e simpatia são opressivas por natureza e têm de ser descartadas. Quando as relações — especialmente entre os sexos — forem fundamentadas somente no amor, toda a beleza da personalidade humana, até então obscurecida por nuvens de dever, convenção, vergonha social e coisas do tipo, emergirá, tal como uma libélula cintilante no verão. E será tão duradoura quanto ela.

A família, com todas as suas inegáveis misérias (assim como, é claro, suas alegrias) há muito tempo tem sido alvo do ódio de intelectuais ambiciosos, pois a família se interpõe entre o Estado — a ser governado por intelectuais — e o poder total. Com a alegação de que querem criar um mundo feito apenas de alegrias, sem misérias, os intelectuais têm sistematicamente desmoralizado a família, tomando o que há de pior nela como predominante e usando a reforma (muitas vezes necessária) como manobra para a destruição. Com efeito, na Grã-Bretanha se empregou o que os comunistas húngaros chamavam de “tática do salame”,^V até que o casamento (exceto entre alguns poucos que ainda são profundamente religiosos) foi praticamente esvaziado do seu conteúdo moral, social, prático e contratual. Não admira que o Estado tenha interferido: metade da população britânica agora recebe subsídios do Estado, de uma forma ou de outra.

Bernard Shaw^{VI} (não por acaso um admirador de Mussolini, Hitler e Stalin) disse que casamento era prostituição legalizada; seu mestre,

^V A expressão “tática do salame” diz respeito à abordagem de dividir (“fatia por fatia”, na metáfora do salame) para conquistar. (N. T.)

^{VI} George Bernard Shaw (1856–1950) foi um dramaturgo, ensaísta e crítico irlandês, conhecido por suas peças de forte teor social e político. Integrante da Sociedade Fabiana, defendia ideias socialistas e criticava instituições tradicionais como o casamento, a religião e a estrutura familiar burguesa. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1925. (N. E.)

Ibsen (dramaturgo infinitamente melhor que ele, claro), tinha uma heroína cujo heroísmo consistia em parte — o que costumava passar despercebido pelo público — em abandonar os próprios filhos sem parar um instante sequer para pensar no que isso poderia custar a eles.

Isso se revelou profundamente profético, ao menos no que diz respeito à Grã-Bretanha.¹⁸ Para cada paciente que me disse que continuava com a mãe dos seus filhos pelo bem desses filhos, eu devo ter ouvido cem pacientes me dizerem “Simplesmente não está dando certo”, ou “Preciso do meu espaço”. O bem-estar das crianças nem mesmo é levado em consideração.

O enfraquecimento dos laços entre os pais das crianças, independentemente do modo como foram forjados, teve consequências desastrosas para os indivíduos e também para a sociedade. Dessa maneira, obviamente seria necessário ser um intelectual qualificado para negar tal realidade. Na área em que trabalhei — numa cidade na qual, diga-se de passagem, a maior parte dos indicadores sociais (como renda e desemprego) se situava mais ou menos na média do país como um todo — era quase incomum que uma criança morasse num domicílio com ambos os pais biológicos. Quando se perguntava a um jovem quem era o seu pai, ele muitas vezes respondia: “Você se refere ao meu pai atual?” Não raro o contato com os pais biológicos havia se perdido totalmente; quando continuava, porém, era extremamente conflituoso, já que o jovem o empregava como arma contra a mãe na guerra de amor e ódio. Os meios-irmãos eram bem mais comuns que os irmãos de sangue. A regra era ter uma sucessão de padrastos, e não era nada difícil que uma jovem mãe expulsasse os próprios filhos de casa porque o novo namorado não os queria lá (pois eram a prova biológica de suas relações anteriores). Assim, o novo namorado dava à mãe um ultimato: ou eles ou eu. Na maioria dos casos de que tomei conhecimento, a mãe escolheu o namorado. Não me recordo de um único caso em que uma mulher tenha mandado embora o novo namorado por ter exigido que os filhos dela com outros homens fossem expulsos.

Talvez tudo acabasse bem caso tivesse sido encontrada alguma forma de conciliar as duas exigências sentimentais da concepção romântica das relações entre os sexos: por um lado, que essas relações se baseassem somente na atração, no desejo sexual e no afeto, e por outro lado, que

existisse sempre uma grande paixão entre eles (qualquer coisa menos que isso tornaria a vida intolerável). Infelizmente, porém, amor livre e posse sexual exclusiva de outra pessoa são princípios fundamentalmente incompatíveis. Não é possível conciliá-los.

Ninguém duvidaria sinceramente que havia frustração, infelicidade e hipocrisia no que hoje podemos chamar de “antigo regime” das relações sexuais — no qual o casamento monogâmico era considerado a norma. Na verdade, talvez restasse muito pouco da literatura se eliminássemos dela os temas da frustração, da infelicidade e da hipocrisia. O adultério era comum, e se existissem testes de DNA na época eles teriam sugerido que uma porcentagem de crianças de casamentos supostamente monogâmicos eram fruto de outros relacionamentos. Muitas coisas eram varridas para debaixo do tapete; muita coisa passava despercebida, além disso, havia uma propensão — não raro difícil de distinguir de uma necessidade — a ignorar o óbvio. Divórcio e separação eram exceção, não regra. Eu me recordo da época — poderíamos estar falando do segundo milênio a.C. — em que se falava de pessoas divorciadas num tom de voz específico, bastante baixo.¹⁹

Nada empolga tanto a mente dos reformadores como a hipocrisia e a inconsistência, sobretudo quando eles próprios estão sob domínio do desejo skimpoliano^{VII} de serem livres como as borboletas.²⁰ Abaixo a hipocrisia! Abaixo a frustração! Abaixo a repressão aos desejos! Abaixo a resistência à tentação! Vivamos daqui para a frente como quisermos, sem as distorções trazidas pela furtividade, vivamos às claras! Que toda a vida seja de fato um livro aberto, para que a partir de agora a aparência corresponda à realidade!

Ocorre que os realistas, mas não os sentimentalistas,²¹ sempre souberam que a única maneira de eliminar a hipocrisia da vida humana é abandonar todos os princípios, sem exceção; e que é impossível para os seres humanos viverem totalmente às claras, com suas mentes que são

^{VII} Referência a Harold Skimpole, personagem do romance *Bleak House* (1853), de Charles Dickens. Skimpole é retratado como alguém irresponsável e excessivamente despreocupado, que deseja viver livre de deveres, convenções e consequências, guiado apenas pelos próprios desejos e prazeres. O termo “skimpoliano” é usado de forma crítica e irônica para descrever esse ideal de liberdade absoluta. (N. E.)

extremamente complexas, mas que não são capazes de compreender plenamente (porque nenhuma explicação sobre coisa alguma jamais é definitiva) uma única de suas próprias ações. Um único e simples experimento mental basta para provar que a total transparência não seria desejável, ainda que fosse possível.

Suponhamos que fosse possível construir um *scanner* de pensamentos, uma máquina que traduzisse à distância a atividade fisiológica do cérebro de uma pessoa nos pensamentos que ela está gerando; dessa maneira, todos poderiam saber o que os outros estão pensando. Seria de se esperar que a taxa de homicídios aumentasse ou diminuísse? Nós poderíamos esperar que qualquer tipo de relacionamento entre as pessoas durasse mais que alguns segundos? Um mundo assim faria a Coreia do Norte parecer um paraíso de liberdade.

Criticar uma ordem social porque ela exige hipocrisia e dissimulação não é, portanto, crítica de maneira alguma. Na verdade, a questão deveria ser a seguinte: que sistema e que tipos de hipocrisia e dissimulação causam menos dano ao bem-estar humano? E o problema é agravado pelo fato de que os seres humanos não mudam com rapidez, pelo menos não em todas as direções: por exemplo, não poderíamos eliminar o desejo de posse sexual exclusiva de outra pessoa do mesmo modo que eliminamos os obstáculos ao divórcio e outros pilares do antigo sistema.

Basta dizer que o novo sistema trouxe, ao menos para uma parcela considerável da população — sobretudo a mais pobre e vulnerável — liberdade em certos campos, mas trouxe também medo, inveja, violência e desmantelamento social generalizado que limitam seriamente a liberdade em campos bem mais importantes.

A resposta ao caos afetivo que a nova ordem provocou se divide em dois padrões principais, que, no entanto, não se excluem mutuamente por completo: a complacência excessiva, por um lado, e negligência e abuso por outro.

Pais — que se consideravam bons pais — frequentemente me procuravam para me perguntar por que motivo os seus filhos haviam se tornado pessoas tão ruins: tão mal-humorados, agressivos, violentos e criminosos. Achavam difícil compreender isso porque, segundo eles próprios, “Demos tudo a ele (ou a ela)”.

Quando eu lhes perguntava o que queriam dizer com “tudo”, respondiam que, exceto por um ou outro bem material, significava “tênis da moda, iPod, discman”.²² Além disso, sempre que lhes era solicitado, esses pais proporcionavam esses itens imprescindíveis para uma infância feliz, e muitas vezes faziam isso à custa de sacrifícios pessoais consideráveis, pois não eram ricos.

Esses pais eram evidentemente prisioneiros da noção romântica de que, parafraseando Blake^{VIII}, seria melhor assassinar uma criança no berço do que permitir que ela alimentasse desejos reprimidos. Essa ideia frivolamente sentimental — com sua recusa obstinada em perceber que agir no sentido de ceder a desejos pode às vezes levar exatamente ao assassinato de uma criança no berço — está agora amplamente disseminada. Para pais que não negavam nada a seus filhos, é um verdadeiro choque que esses filhos se tornem egoístas, exigentes e incapazes de tolerar a mais leve frustração.

Um motivo adicional para a superproteção aos filhos é a culpa sentida por adultos que, agindo segundo os seus desejos, trouxeram caos emocional para a vida das crianças. Esses adultos buscam compensar isso oferecendo aos filhos bens materiais.²³ Evidentemente, isso não é inteiramente contrário aos interesses econômicos de uma sociedade consumista.

Entre os pais mais ricos, a complacência excessiva diante dos desejos dos filhos por bens materiais é muitas vezes uma tentativa de compensação por não dedicarem aos filhos o devido cuidado, atenção e tempo; em resumo, uma manifestação de culpa.

A negligência agressiva e a violência são o outro lado da moeda da complacência excessiva. Não é preciso acreditar nas explicações dos neodarwinistas e dos sociobiologistas para concordar que padrastos e madrastas muitas vezes são mais propensos a usar de violência ou a abusar sexualmente dos seus enteados do que os pais biológicos.²⁴ Sabe-se disso desde tempos imemoriais; não é à toa que a madrasta dos contos de fada é malvada.

^{VIII} Referência a uma máxima do poeta inglês William Blake em *The Marriage of Heaven and Hell* (1790-1793). A frase integra os *Proverbs of Hell*, conjunto de aforismos em que Blake exalta o desejo e a energia criativa em oposição à repressão moral. (N. E.)

Sendo assim, quem defende a condição de padrasto/madrasta na sociedade promove a negligência e a violência contra crianças. Isso se torna ainda mais sério quando (como ocorre com frequência nos dias de hoje) a figura do padrasto/madrasta é recorrente. Digamos que um em cada cinco padrastos negligencia ou usa de violência contra seus enteados; seguindo esse raciocínio, crianças que têm três padrastos em suas vidas (e crianças em tal situação não são de modo algum poucas na Grã-Bretanha contemporânea) têm 60% de probabilidade de serem vítimas de negligência ou violência durante a infância.

Os adultos que, apesar de terem trazido filhos ao mundo, formam e rompem relacionamentos como se fossem vidro estilhaçado por uma pedra, agem segundo a teoria sentimental de que desejos não realizados são extremamente perigosos. Essa visão tem sido fortalecida por um freudismo corrompido, um afluente que despeja o seu néctar no grande pântano de lodo e lama sentimental da atualidade. Todos — mesmo aqueles que nada sabem a respeito de Freud e para quem a palavra psicanálise não tem significado algum — já ouviram falar que desejos secretos e traumas ocultos que continuam secretos causam problemas graves mais tarde na vida. Quando perguntei a um torcedor de futebol inglês — que junto com dez mil outros torcedores havia viajado até a Itália para assistir a um jogo supostamente amistoso entre Itália e Inglaterra — por que motivo ele viajara uma distância tão longa para gritar insultos obscenos contra os italianos (na ocasião eu era o que se poderia chamar de correspondente de grosserias de um jornal, que me pedia para ir a lugares onde os ingleses se reuniam em massa para se comportarem mal, o que na prática acontecia em todos os lugares onde eles se reuniam em massa), ele me respondeu: “A gente tem que relaxar um pouco”. Assim como a maioria dos outros dez mil, ele era um típico representante da classe média.

Do mesmo modo, se perguntarmos aos jovens por que eles bebem tão descontroladamente, de novo reunidos em massa, chamando a atenção ou causando perturbação pública por onde passam, eles responderão que precisam perder todas as suas inibições a fim de se expressarem — como se o que carregassem dentro de si para terem de expressar fosse pus, que se não fosse expulso se acumularia num abscesso e lhes causaria o equivalente emocional de uma septicemia.²⁵ Como os integrantes da

classe trabalhadora inglesa costumavam dizer sobre seus dentes, que sabiam que logo iriam todos apodrecer e causar dores severas: “Melhor fora do que dentro”.

Assim, se um relacionamento entre um homem e uma mulher apresentava dificuldades — se, na maneira pseudoconfessional de falar sobre si mesmo que se tornou quase universal, “ele (isto é, o relacionamento) simplesmente não está levando a lugar nenhum” —, restava apenas uma saída capaz de evitar o terrível desfecho provocado pela frustração e pela infelicidade: a separação, independentemente dos interesses dos filhos desse relacionamento. E, como vimos, o governo providenciou cuidadosamente para que nenhum interesse material, ao menos entre as camadas mais baixas do espectro socioeconômico, pudesse se interpor no caminho desse desfecho supostamente feliz.

A extrema fragilidade e instabilidade das relações entre homens e mulheres, combinadas com o persistente desejo de posse sexual exclusiva do outro, levam, não surpreendentemente, a uma grande dose de ciúme, que por sua vez constitui a causa mais comum e poderosa da violência entre os sexos. Isso ocorre há muito tempo. Por exemplo, o psiquiatra prisional Norwood East constatou, em um estudo publicado em 1949, que 46 de 200 homicidas considerados mentalmente sãos haviam matado por motivos de ciúme sexual. Esse foi um dos motivos mais frequentes para o homicídio e representou quase o dobro dos casos daqueles que mataram por motivos financeiros.

É óbvio por que a fragilidade das relações favorece o ciúme (desde que permaneça o desejo de posse sexual exclusiva do outro, algo que não dá sinais de declínio). Assim como, no mercado de trabalho, a facilidade para demitir implica facilidade para contratar, um relacionamento que começa de forma casual também pode terminar de forma casual. A maioria dos homens acredita que os outros homens são como eles próprios e, em determinado meio social, isso provavelmente é mais ou menos verdade. Assim, se são sexualmente predatórios e se, como frequentemente acontece, “roubaram” a parceira sexual do melhor amigo, passam a supor que todos ao seu redor — incluindo seus amigos, ou supostos amigos — estão fazendo a mesma coisa. Isso tem duas consequências. A primeira é a necessidade de encontrar uma forma de manter o objeto de seu desejo longe das mãos e, muitas vezes,

até mesmo dos olhares dos outros. E não haveria meio mais eficaz de conseguir isso, ao menos no curto prazo, do que a violência arbitrária, pois esse tipo de violência é tão absorvente que a pessoa “amada” não tem tempo nem energia para atividades extraconjugais ou paralelas. A segunda consequência é o surgimento da cultura do “o que você está olhando?”, na qual todo homem passa a ser visto como um potencial predador sexual. Como prevenir é melhor do que remediar, um copo lançado no rosto de alguém seria considerado preferível a lhe dar mais uma oportunidade de cruzar o olhar — e despertar a concupiscência, isto é, o desejo sexual — da pessoa amada.

Em resumo, a visão sentimental da infância e das relações entre os sexos traz as seguintes consequências.

Torna muitas crianças incapazes de ler corretamente e de realizar cálculos simples. Por sua vez, isso deixa essas crianças presas às condições sociais em que se encontram no nascimento, pois incapacidade de ler e educação básica deficiente são quase (embora não completamente) impossíveis de corrigir mais tarde na vida. Isso significa que talentos podem ser desperdiçados e crianças e adultos inteligentes podem acabar extremamente frustrados, e também significa diminuição do nível cultural geral da sociedade. A ideia de que as relações humanas deveriam ser permanente e apaixonadamente felizes e que, portanto, todo obstáculo social, contratual, econômico ou costumeiro à realização desse ideal deveria ser eliminado — removendo assim todas as fontes de frustração e todos os motivos para a hipocrisia — acaba levando à excessiva indulgência, à negligência e à violência contra as crianças, bem como ao aumento dos níveis de ciúme, o mais poderoso de todos os motivos para a violência entre homens e mulheres.

A visão romântica e sentimental dos aspectos mais importantes da existência humana está, portanto, intimamente associada à violência e à brutalidade da vida cotidiana, que quase certamente se agravaram na Grã-Bretanha nos últimos sessenta anos, a despeito dos imensos melhoramentos nos níveis de conforto físico e bem-estar.

Resta ainda apontar que uma das consequências da adoção generalizada da visão romântica e sentimental da existência humana é o enfraquecimento das fronteiras entre o que é permitido e o que não é permitido; afinal, a própria vida determina que nem tudo pode ou deve

ser permitido. É absolutamente impossível viver como se fosse verdade que é melhor estrangular bebês do que deixar que eles, ou quem quer que seja, tenham desejos frustrados.²⁶ Contudo, o obscurecimento dessas fronteiras, provocado pela adoção de uma visão impossível como se ela fosse verdadeira, e a consequente recusa dos indivíduos em aceitar limitações impostas à sua vida por forças externas — isto é, forças independentes de sua vontade ou de seus caprichos, como as convenções sociais, os contratos e semelhantes — faz com que a incerteza deixe de ser matéria de especulação intelectual e passe a fazer parte da própria maneira como a vida deve ser vivida. A incerteza, ao suscitar reações contra ela própria, alimenta a intolerância e a violência.

Em nenhum outro domínio vemos isso com mais clareza do que na questão da sexualidade e da infância. Considerando que deve haver uma idade legal de consentimento para relações sexuais, a verdade é que qualquer idade escolhida será arbitrária em certa medida. É absurdo supor que se essa idade for 16 anos, uma criança de 15 anos e 364 dias tenha de fato amadurecido um dia depois a ponto de ser capaz de decidir o que antes não era capaz de decidir. A mesma coisa se aplicaria a qualquer idade escolhida.

É possível deduzir disso que o que é legalmente inaceitável pode, contudo, ser moral e concretamente aceitável — pelo menos essa é a conclusão à qual chegaram, em sua maioria, as pessoas em nossa sociedade. Um jovem de 15 anos de idade não pode legalmente consentir em ter relações sexuais, portanto todas essas relações são criminosas; mas os médicos são orientados a prescrever contraceptivos até para crianças mais novas sem notificar os pais a esse respeito. As publicações destinadas a crianças de 11 e 12 anos de idade são muitas vezes um convite explícito ao comportamento sexual, e não resta dúvida de que um grande número de pais tolera as atividades sexuais ilegais dos filhos. É verdade que alguns homens ainda são condenados por terem relações sexuais com meninas menores de idade, mas eles costumam alegar (de forma não totalmente infundada) que as meninas em questão não aparentavam ter a idade que tinham, e que os pais das garotas permitiram que elas saíssem em um horário no qual não se deveria autorizar meninas menores a saírem (no cenário de frenesi sexual generalizado de “cada um por si” regado a álcool e drogas, que acontece

no centro das cidades britânicas todas as sextas e sábados à noite, não se pode esperar que se exija a fiscalização de certidões de nascimento). Além disso, os homens alegam que estão sendo punidos não exatamente por terem tido relações sexuais com essas garotas, mas na verdade por pararem de ter relações sexuais com elas. As jovens, insatisfeitas com o término, correm para os pais — que já sabiam a respeito das relações — e lhes pedem que procurem a polícia. Os homens condenados se sentem prejudicados não por serem inocentes da acusação, mas porque só fizeram o que muitos outros haviam feito e continuam fazendo, com o conhecimento e até com a aprovação dos pais das meninas. Dessa forma, a idade para consentimento acaba se tornando não uma regra a ser obedecida, mas uma arma a ser utilizada.

Mais importante ainda, as condições sociais nas quais o abuso sexual de crianças tem maior probabilidade de ocorrer foram diligentemente promovidas, primeiro pelos intelectuais e depois pelo Estado. E aqueles que carregam uma consciência culpada frequentemente procuram um bode expiatório por meio do qual possam expiar a própria culpa.

O atual bode expiatório na Grã-Bretanha para a negligência e os maus-tratos contra crianças decorrentes da recusa da população em impor limites aos próprios apetites — para usar uma expressão de Burke^{IX} — é a pedofilia. Isso não significa negar a gravidade da pedofilia. Não sei ao certo se a oferta cria a demanda ou se a demanda cria a oferta, mas há pouca dúvida quanto aos horrores cometidos contra crianças para que imagens do que lhes é feito possam ser vendidas pela internet. Pela própria natureza das coisas, é difícil saber se as formas mais graves de pedofilia estão aumentando ou não. Contudo, permanece o fato de que uma criança tem uma probabilidade muito maior de sofrer abuso dentro de casa, praticado por um membro da família ou, pelo menos, por alguém que frequenta regularmente o ambiente doméstico, do que por qualquer outra pessoa. E milhões de pessoas contribuíram para maximizar as chances de que isso acontecesse.

^{IX} Edmund Burke (1729–1797), filósofo e estadista anglo-irlandês. A expressão faz referência à sua defesa da necessidade de impor limites morais aos próprios desejos e impulsos como condição para a vida em sociedade. Burke escreveu que os homens são aptos à liberdade civil na medida em que estão dispostos a “impor freios morais aos seus próprios apetites”. (N. E.)

É desse modo que a população direciona a sua histeria coletiva contra os pedófilos e a pedofilia. Isso ocorre com tamanha intensidade que, numa infame ocasião, a casa de um pediatra foi apedrejada por uma multidão para a qual pediatria e pedofilia são a mesma coisa.²⁷ Na Grã-Bretanha, tornaram-se muito comuns as cenas de hostilidade da multidão, do lado de fora dos tribunais, contra supostos pedófilos que são levados a comparecer (a ideia de que um homem é inocente até prova em contrário é totalmente desconhecida da multidão); e as mulheres, frequentemente levando consigo uma criança aterrorizada, gritam xingamentos e chegam a atirar objetos contra veículos que transportam os supostos criminosos, aparentemente alheias ao fato de que é abusivo expor crianças a semelhantes cenas. É quase certo que a maioria das mulheres que agem dessa maneira vivem em circunstâncias bastante propícias ao abuso sexual de crianças. Se não fosse pela presença da polícia, é provável que nessas cenas acabassem acontecendo tortura e linchamento. A ligação entre o sentimentalismo e a justiça pelas próprias mãos é ainda demonstrada pela violência que os presos praticam contra outros detentos culpados de crimes sexuais — ou simplesmente aguardando julgamento por tais crimes.²⁸ A justificativa para essa violência é que os criminosos sexuais “mexem com criancinhas” — sempre criancinhas, aliás, e nunca simplesmente crianças. As autoridades precisam proteger esses infratores da ira sentimental de homens que, não raramente, eles próprios causaram grande sofrimento a outras pessoas, agiram com brutalidade e tiveram inúmeros filhos apenas para depois negligenciá-los. O sentimentalismo é o progenitor, o padrinho, a parteira da brutalidade.